



PARA ALÉM DAS LIVES

entrevista Henrique Iwao Matthias Koole

Olá Ouvinte, este é o sexto episódio do **PARA ALÉM DAS LIVES**. Eu sou Frederico Pessoa e este podcast é fruto de um projeto de pesquisa realizado com recursos da Lei Municipal de Incentivo à Cultura de Belo Horizonte. Hoje a conversa é com Henrique Iwao e Matthias Koole, os músicos que criaram e realizam o QI, Quartas de Improviso há 10 anos. Com uma longa trajetória de formação, criação e prática musical na improvisação livre, o duo se viu obrigado a lidar com a migração dos eventos para a internet durante a pandemia e buscou soluções para transpor a experiência de improvisação coletiva ao vivo do Quartas de Improviso para esse meio. Não foi fácil, mas a experiência pode indicar caminhos para a música no espaço virtual. Detalhe, o Matthias já estava morando na Alemanha na época dessa conversa e participava do QI a distância. Hoje, ele não participa mais dos eventos. Por isso, pedi para o Henrique falar um pouco mais sobre a história do Quartas de Improviso e como está sendo o retorno para o presencial com novas parcerias. O áudio está no final do programa.

PARA ALÉM DAS LIVES: música e tecnologia pós-pandemia.

Frederico: Assim, indo direto ao ponto, né? Eu falei um pouco com o Henrique, rapidamente. Acho que você deve ter falado como Matthias, que eu tô fazendo uma pesquisa e já tava num grupo de pesquisa da Comunicação (Depto. De Comunicação Social da UFMG) e que a gente tava pesquisando o impacto econômico da pandemia no meio musical de Belo Horizonte. E, paralelamente, eu comecei uma outra (pesquisa) que é essa ideia de como é que as pessoas foram afetadas e como é que elas estão tentando achar soluções. [Focada] mais no uso dessas tecnologias de comunicação e tal. Eu sei que vocês estavam... O Henrique já tinha falado que vocês estavam... Que o projeto já estava rolando, né? Até via Lei de Incentivo - o projeto do QI (Quartas de Improviso). Mas eu sei que vocês devem ter outros projetos também além desse. Mas não sei como é que é isso, como é que foi esse impacto da alteração, né? Se vocês sen-

tiram uma diferença muito grande... Se acharam como solucionar isso aí (os problemas). Então, começando a conversa, acho que é por aí, sabe? Como vocês usavam (as tecnologias) e se com a pandemia isso impactou de uma maneira... Claro que impactou, mas qual o grau de impacto na realização do trabalho de vocês, principalmente. Começaria por aí, talvez...

Henrique: Assim, a coisa que eu disse é que ia ser mais interessante o QI (Quartas de Improviso) mesmo, eu acho. Mas o Matthias está numa realidade um pouco diferente, porque ele já tomou vacina, já saiu para tocar mesmo na pandemia, em Luxemburgo, não sei onde... Mas, de qualquer jeito, ele pode falar que foi diferente, né? Porque eu vi que era vídeo, não tinha plateia, sei lá. Teve todo aquele rolê das Leis Municipais atrasarem muito. Mas a impressão que eu tive foi que a lei Aldir Blanc foi usada assim como um palanque de, tipo: “Ah, tem uma lei na frente: Aldir Blanc”. E as Secretarias priorizaram a lei Aldir Blanc de um jeito que travou as Leis Municipais, entendeu? As Leis Municipais que já estavam aprovadas. Essa é a minha impressão.

Matthias: É a combinação assim, do impacto da pandemia tanto nas nossas vidas também, né? Te falei da minha mudança pra cá. Era pra eu ter voltado pro Brasil e isso também gerou uma necessidade de me reorganizar. E aí esses atrasos da própria Lei Municipal. A gente não conseguia, inclusive, nem fechar a edição anterior! O QI (Quartas de Improviso), ele é aprovado nesse processo plurianual, né? Então a gente queria fechar e fazer prestação de contas do anterior para poder começar a [temporada] que a gente tá fazendo agora. Mas a gente não conseguia nem encerrar a edição anterior, porque eles não estavam recebendo a prestação de contas.

Henrique: Porque a gente tinha condições psicológicas tal, tá? Assim, a gente tava mais ocupado, mas a gente tinha condições de fazer o projeto o ano passado, entendeu? E esse ano estar fazendo de novo, já com alguma experiência de tentar fazer online etc e tal. A gente não fez porque a gente não conseguiu nem prestar conta do outro. Mas assim, o Praça Seis (evento ao vivo na Praça 7), a gente... Até o Felipe, o Felipe Lopes que faz comigo, tentou acionar um amigo dele para fazer um projeto e mandar para uma lei para, sabe-se lá, fazer ano que vem e tal. Mas eu acho que não rolou.

Eu participei de umas coisas, do Frestas Telúricas. Tem o Frestas Telúricas e tem o Improfest, festival de improvisação. Era para mandar vídeos para eles. Não era ao vivo, porque todo mundo ficou com medo da coisa da transmissão via internet, de ser muito precária, a qualidade do som não ser boa ou de falhar na hora, né? E de não entender como funcionava. Então pouca gente tentou fazer isso. Eu lembro, por exemplo, que o Marcos Scarassatti foi a única pessoa que tocou ao vivo na série em que eu participei. Eu acho que foi no Frestas Telúricas, ou seja, [o único que] tocou ao vivo. Ele usou OBS

(Open Broadcaster Software) e fez uma coisa com o celular e conseguiu fazer um negócio legal na casa dele. Mas foi a única pessoa. O resto, todo mundo pré-gravado e tal.

Na Seminal Records, a gente não fez nada. A gente até mandou um projeto para pensar alguma coisa e não fez, não deu, não foi aprovado. A coisa que a gente decidiu, mas que a gente já tinha decidido antes, era subir os álbuns pro YouTube, porque muita gente estava enchendo a paciência da gente com a coisa de: “bota no Spotify”, ou algumas pessoas “Ah, vamos ouvir no Spotify”. E a gente é contra o Spotify! A gente odeia o Spotify! (risos) E aí a gente falou “Ah, vamos pelo menos subir no YouTube todos os álbuns”. Se a pessoa reclama que sobe no Bandcamp ou Archive, que é obscuro e ninguém acessa o Archive, a gente tem pelo menos no YouTube, né?

Matthias: Então, muita coisa é similar ao que o Henrique falou. A minha primeira reação na época em que começou a pandemia e que eu vi... Eu já estava aqui em Berlim, né? Eu vi muita gente pulando imediatamente para formatos online e minha primeira reação foi meio de desconfiança também (sic). Eu entendo a necessidade prática, mas eu achei que essa mudança foi muito rápida. E isso se soma a uma coisa meio, quase trabalhista mesmo, porque aí, de repente, você também adquire uma quantidade de funções muito maior, né? Você não só toca: você grava, você filma, e é um acúmulo que eu, por exemplo, já não me sinto tão à vontade. E eu acho um problema outra coisa também: que essa digitalização acelerou muito, toda essa digitalização, as relações digitais e essas ausências físicas, que são uma coisa de que eu sinto mais falta, obviamente, os concertos ao vivo.

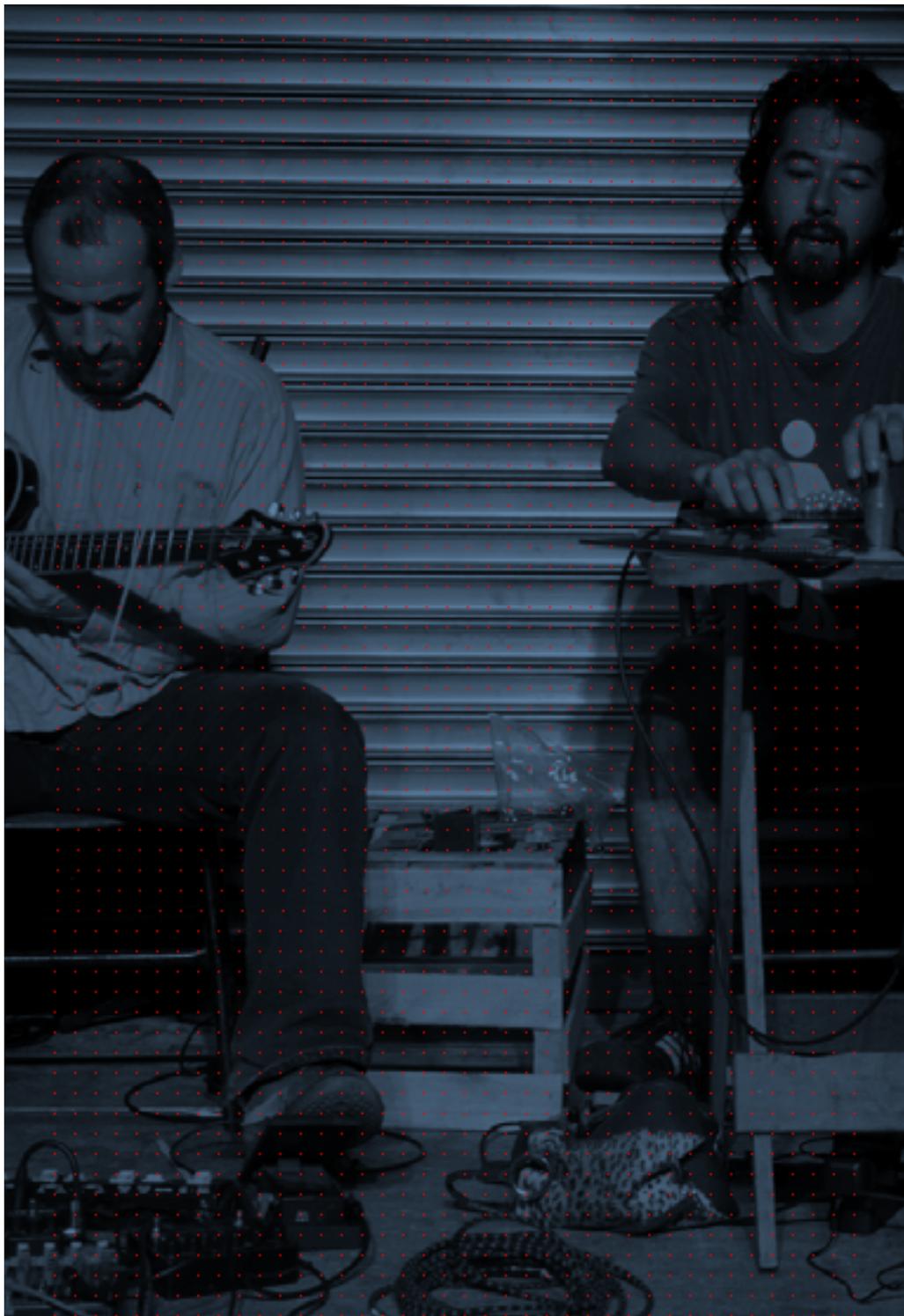
Eu, no começo, fiquei meio não querendo fazer muita coisa exatamente por causa disso. Porque eu não queria simplesmente pular de uma coisa para outra. Mas o que eu fiz de apresentações digitais foram esses convites que me fizeram, especificamente. E que tinham a ver ou que tinham alguma questão, tipo o Improfest, que tinha cachê. Ou que são pessoas que você sabe, do meio, que estão realmente querendo de fato aproveitar isso para construir algumas redes, tipo o Frestas Telúricas, que eu acho que, o Henrique me engana se eu tô errado... (risos) Me corrige se eu tô errado. Mas eu acho que foi uma coisa que começou na pandemia já, né? Minha motivação era muito mais essa, de participar mesmo, de fazer redes. Redes não no sentido de internet, mas as de contatos, continuar circulando.

Frederico: Acho legal essas coisas! Queria perguntar só um negócio também... Quer dizer, vocês já estão falando de várias, né? Essa coisa do Improfest. Eu até vi alguns vídeos e tal e um pouco da proposta. [Mas queira], só para pensar, se as pessoas estão pensando nisso com uma continuidade pós-pandêmica, por exemplo. Se vai continuar esse festival nesse formato. O que acontece com isso também é interessante. A gente tem essa situação pandêmica e aí tem alterações dos modos de funcionar... E isso se reflete numa posterior

continuidade dos modos de funcionar diferentes ou a gente retoma e esquece isso? Tipo um hiato que demanda... Eu não sei o que que vocês pensam disso: se é um hiato ou se isso também abre campos.

Matthias: Aqui, por exemplo, eu já sei de pessoas que estão querendo fazer seminários online depois, num contexto pós-pandêmico. E vão realmente continuar a fazer, eu já fui convidado, inclusive.

Frederico: Isso é uma coisa que eu vi que tá realmente crescendo. E foi uma coisa que, de certa maneira... Tudo bem que é um formato bem específico, né? Essa troca que é muito mais da fala do que da execução musical, por exemplo. E isso realmente funciona muito bem. Então é legal. Eu acho que é legal porque realmente conecta



muita gente que tá distante, que não tem outro jeito de participar... Enfim, tem articulação que é interessante mesmo, e é muito válida. Mas eu fico pensando essa coisa da música... A música consegue transpor de alguma maneira essas limitações? A gente tá vendo que é meio difícil, né? Por um monte de razões...

Matthias: Eu acho bem difícil. Eu não vejo para mim muito formato online, por exemplo. Será que a gente entra no QI também?

Henrique: Só queira fazer um último comentário. O pessoal do Frestas Telúricas, eles estavam muito com uma coisa assim do tipo: “Vamos abraçar o Brasil, vamos procurar pessoas de Rondônia”. Acharam pessoas de Rondônia que fazem uma coisa que às vezes é música experimental, entendeu? Acharam pessoas assim... Eu acho que eles tentaram fazer isso, mas é uma coisa que surgiu na pandemia, não sei se eles vão continuar. Qual é né? Só queria falar isso aí. Matthias, se quiser entrar no QI...

Matthias: Pois é, eu acho que pode até aproveitar a brecha, porque uma das coisas do QI (Quartas de Improviso) também é que, assim, se não fosse um modelo virtual, eu não estaria fazendo parte dessa temporada. O QI, a gente resolveu fazer online, né? Tem, eu acho que tem duas questões. Tem duas partes, que é tanto a apresentação em si, quanto a parte social do evento, vamos dizer, que a gente quis endereçar.

A gente pensou que talvez a segunda parte do projeto desse ano já poderia ser presencial. Então a gente privilegiou, na primeira parte, uma curadoria onde seriam pessoas que pudessem ter alguma facilidade de produzir vídeos. Porque o que acontece é que esses artistas, eles gravam vídeos, e eles mandam pra gente e a gente grava em tempo real, nesse caso, faz música em cima dos vídeos. Eu acho que a gente tem que explicar isso melhor depois. Isso é parte do vídeo, e depois tem a parte social, que é a discotecagem do Miguel. A gente resolveu passar a discotecagem do Miguel... Que agora a gente denominou de Boteco do Javaraí, e que é como pensar a socialização em volta do QI, pensar que socialização em volta do QI, essa construção de redes, vamos dizer assim, era e é uma parte importante do QI. E pensar também uma forma de como endereçar isso e que isso não suma, né? Assim tem as duas razões: tem o fato de que a gente tem o Miguel e o Miguel recebe alguma coisa para fazer a discotecagem, e a gente queria fazer isso também ter um sentido. Mas também tem essa parte importante de continuar a fazer o evento ter algum tipo de sociabilidade que a gente não saberia como fazer agora, em formato virtual.

Em relação ao Miguel o que vai acontecer é que na mesma página onde vai ser lançado o vídeo do QI, que é no seminalrecords.org, vai ter também uma reunião Jitisi, que ocorrerá depois do QI, onde o Miguel discoteca. Ou seja, o som do da reunião é a discotecagem do Miguel. E ao lado disso, ele vai promover, vamos dizer assim, a

socialidade no chat. Ou seja, as pessoas não vão conversar, [pois] o som é exclusivamente da discotecagem. E ele também queria entrevistar os artistas convidados por chat, ter uma conversa com os artistas convidados logo depois do lançamento do vídeo. Ou seja, as pessoas não se ouvem. Ninguém vai poder conversar, vai ter a discotecagem, mas as pessoas se vêem, porque é o Jitsi, né? Seria basicamente isso. E isso vai ocorrer após o lançamento do vídeo de cada semana.

Frederico: E mesmo nisso é uma solução possível. Muito legal de fazer assim, mas ela também mostra né? Ela mostra os limites. Ao mesmo tempo é isso, tem que achar soluções. Então é legal você indicar que vocês estão buscando soluções para atender esses vários campos em que o QI acaba atuando, né? Acho que é importante. Ótimo!

Henrique: Eu acho curioso que os softwares são muito ruins também. Porque, por exemplo, você poderia ter um software, sei lá, não sei se vocês lembram do Second Life, né? Eu nunca cheguei a fazer conta no Second Life, mas eu esperava assim, que com seis meses de pandemia, que algum software desse tipo já tivesse bombado. Mas eu lembro que teve um congresso de que eu participei que teve uma festinha no final. Mas assim, foi super chatinho, porque o cara descobriu que essas salas paralelas do Zoom - eu acho que era do Zoom mesmo -, o administrador tem que ficar jogando as pessoas para dentro e tirando, entendeu? Aí não funciona. Mas, falando da ideia do QI, eu acho que a ideia de lidar com a coisa da pandemia, mas manter algum espírito de Quartas de Improviso, um espírito do evento e de ser realista, né? Então, acho que são essas três coisas. Tipo, a pandemia, ela pode te jogar para o Imaginário. A gente tem que ter o pé no chão, a gente tem que fazer o projeto e tem que ser bom. Então assim, de novo, eu acho que a primeira coisa que a gente pensou assim foi tipo: “cara, não dá para confiar na internet que as pessoas têm. A gente não vai fazer coisas realmente ao vivo”. Então, já foi de cara para uma coisa do tipo “eu acho que isso é demais”. Ir para uma coisa de fazer Live de verdade, é demais, né?

Engraçada essa palavra Live, porque ninguém tá fazendo Live no nosso circuito. Poucas pessoas estão fazendo Live e para uma coisa de improvisação, acho que não. Enfim, a gente partiu dessa coisa, tipo, “eu acho que não rola fazer ao vivo”. Então a que a gente faz? Porque quando a gente convida pessoas pro QI, nem sempre as pessoas que são as convidadas que não são músicos, fazem improvisação. Às vezes elas chegam com um número pronto, às vezes elas criam uma coisa na hora, mas às vezes não. [Às vezes] elas fazem um negócio delas lá: “planejei fazer tal performance e vou fazer”. E os músicos sempre improvisavam. Então a gente usou isso, essa história, para falar assim: “bom, os convidados entregam um vídeo e aí os músicos improvisam em cima, cada um no seu espaço”.

Então a gente aproveitou o lado positivo da internet que seria:

eu posso tocar com o Matthias, eu aqui Matthias Lá, né? Incorporou essa coisa da pandemia no Brasil que é sempre um se virar, né? Então se vira na sua casa. Então a gente quis incorporar isso. Na curadoria, a gente puxou umas pessoas de fora: a Thaís Montanari, por exemplo tá no Canadá, né?

Matthias: Várias. Tem mais pessoas de outros estados do que normalmente. Tem a Ariane Stolf, que tá na Bahia, tem o Rômulo, que tá em São Paulo, a Gabriela Mureb no Rio... Ou seja, tem... Eu acho que a gente fez até uma cota de metade de pessoas com certeza de Belo Horizonte e outra metade de fora Belo Horizonte na curadoria.

Henrique: Aí, eu acho que tem duas preocupações que eu insistia e Matthias super concordou que era: a gente forneceu um treinamento para os músicos que vão tocar essas improvisações para eles aprenderem a mexer... [aprenderem] como é improvisar pela internet.

Matthias: Inclusive nós mesmos, né?

Henrique: Inclusive nós! (risos) Porque a gente nunca fez... Eu nunca tinha feito isso antes. Então a gente contratou o Aluizio Neto para dar uma oficina. Ele deu uma semana de oficina, duas, três horas por dia, [durante] cinco dias e ficou ainda respondendo coisa de e-mail e tal. Fred, depois a gente tá planejando com ele que ele escreva um artigo assim sobre como usa o software, o Sonobus, que foi o que a gente usou. E aí a gente te manda. Porque eu acho que isso vai ser interessante para mais gente. Porque também essa ideia... Aquela coisa que eu acho que tem a ver com o espírito do QI, que é: a gente sempre colaborou. A gente colaborou com a...

Matthias: Kasa Invisível?

Henrique: Com a Kasa Invisível, com o Estilingue... [Tem] um ideal, algo meio Anarquista, um ideal de Cultura Livre, né? Então também o [fato] do Sonobus ser um software também acessível, gratuito, né? Que lida com arquitetura que tem a ver com o software livre por trás. Ele constrói em cima do JackTrip, não sei o quê. E aí a gente vai também tentar... A gente conversou com Aloísio, que é bem dessa pegada também, de tentar ver se a gente consegue contribuir com outras pessoas também: “Ó, um artiguinho como é que usa o negócio, quais são os problemas”...

Matthias: O programa também, eu acho que isso é específico do programa, ele é peer to peer. Ou seja, quando você toca com três pessoas, você não tá tocando em um ambiente virtual comum. Você tá conectado individualmente com cada um. Então, cada um tem um ambiente virtual individual também. Não existe um ambiente virtual comum.

Henrique: É até um cubismo, né? Um cubismo das perspectivas... Real assim, né? Muito doido. Aí tem várias questões sobre isso, né? Que eu acho que a gente pode falar um pouco. Mas só terminar a parte do vídeo antes de entrar nisso. A gente queria pedir um vídeo, mas também, esse espírito de “vídeo da pandemia” estar junto, entendeu? Então é um vídeo circunstancial. É o QI, é uma coisa circunstancial, um encontro, né? Isso era uma ideia da gente. Eu achei que, em geral, as pessoas foram meio por aí. E a gente teve também uma coisa do QI, que é chamar uma pessoa que não é artista. Então a gente chamou a Rafa Rodrigues, que é uma amiga barista minha, e aí ela filmou... Uma amiga dela filmou ela (sic) preparando três receitas de café na cafeteria dela, e foi isso.

Frederico: Eu achei muito legal! E você falou de uma coisa que é interessante, que até isso né? Como é que você pode... Vocês estão falando de várias coisas que acho que, para mim, são muito interessantes e que têm a ver com essa transposição da situação. Que se constrói quando vocês estão juntos, tocando ao vivo e tal... E como é que tem um jeito, acha um jeito, tenta encontrar alguma forma de que a transposição não perca parte do que caracteriza aquele momento de encontro, no caso aqui do QI, né? Por exemplo, você falou dos vídeos serem de um jeito e eu achei muito interessante. Mas esses pontos, acho que são muito interessantes, porque eles viram também um modo de provocar o pensamento. Vamos tentar pensar. Vamos pensar no que é possível fazer, né? O que que...

Matthias: Eu só queria voltar lá atrás também em relação ao Boteco do Javaral. E isso eu acho que... Eu só queria repetir: o próprio Boteco do Javaral também, a gente vai fazer pelo Jitsi, e a gente tá fazendo tudo através dessa página do QI. Então a gente tá fazendo, a gente tá tentando fazer de fato tudo... E também, como é um projeto público, a gente tá tentando fazer tudo o máximo possível com plataformas de código aberto. Lógico que a gente vai subir tudo pro YouTube, que não é exatamente o caso. Mas assim, o Aloísio também teve que trabalhar com o Miguel modos de como é que o Miguel conseguiria compartilhar o áudio direto através do Jitsi. Porque não era uma coisa tão óbvia, né? Então também eu acho que vai criando um manual de como usar aquela ferramenta. Enfim, aí voltando pro Sonobus... Então, é um programa de código aberto e que funciona, como eu disse, peer to peer - de pessoa a pessoa. Mas as complicações que a gente vinha a ter, eram bem específicas também: de cada pessoa, da sua conexão de internet... Mas ele tentou ter um, ele tentou ter uma... Acho que o Henrique também pode me corrigir se eu estiver errado: ele tentou ter uma abordagem geral. E o que a gente fez basicamente foi ter uma uma homogeneização em relação ao tipo de som enviado; também a vantagem do Sonobus é que ele não comprime o som, né? Porque essas plataformas aqui [no caso, Zoom], elas comprimem o som e elas são feitas para a voz.

Ou seja, tinha um desafio de ter um som não comprimido. Por ser um programa peer to peer, os problemas de conexão também eram entre indivíduos.

Henrique: Tipo, a explicação mais simples do Aloísio é do tipo: a Net, a Claro, fazendo overbooking de ip.

Matthias: Em relação ao tocar especificamente, você tem uma... O que acontece basicamente é que eu acho que todo mundo toca com fone. Ou seja, você manda o seu sinal e você recebe o sinal de todo mundo. No Sonobus você consegue fazer um panning (distribuir espacialmente as pessoas no estéreo do fone de ouvido), então você consegue colocar, sei lá, se fosse a gente tocando, nós três, poderia passar o Frederico mais para esquerda, o Henrique mais para direita, e aí você toca, né? Então você toca numa situação de estúdio, mas onde cada um tem esse tempo diferente. Então, por exemplo, para mim a latência costuma ser maior, por eu estar longe... Fiquei até um pouco feliz assim, porque quer dizer que essas distâncias, essas coisas também, essas distâncias... Nem todo espaço é homogeneizado, vamos dizer assim. Existe ainda algum tipo de espaço físico envolvido no negócio. Enfim, eu tinha uma latência diferente.

No tocar, é muito diferente: você toca com fone de ouvido. Eu pessoalmente, o fone de ouvido que eu usava é um fone muito fechado. Eu acho que o mais estranho de tocar com o fone de ouvido não era nem o modo como eu ouvia os outros. Era o modo como eu me ouvia. Porque eu só me ouvia através da monitoração do programa. E aí, obviamente eu perdia muita coisa também, né? Perdia muito detalhe do que o mesmo tava fazendo. Isso, eu acho que é uma especificidade minha, eu acho que no meu caso é pior. Mas eu acho que isso vale, em menor grau, para outras pessoas também.

Henrique: Porque, se você passa pelo programa, pela monitoração do programa de você mesmo, ela já está sujeita a uma latência lá, de operação, que ele tem. É uma latência bem mais baixa, né? Mas a gente, ainda mais a gente sendo músico...

Então é a qualidade da internet que é diferente; é o acesso, às vezes, a equipamentos básicos, né? Por exemplo: uma coisa que a gente insistia foi do tipo: "tenha cabo de ethernet, não use wi-fi", porque usar o wi-fi é horrível para esse tipo de situação e mesmo assim eu acho que teve gente que usou o wi-fi, né?

Matthias: Qualidade de equipamento de gravação...

Henrique: É isso assim, o ambiente geral foi de estúdio ruim. Essa que foi... Um estúdio que você não consegue ter uma monitoração ajustada direito; tem algum problema que você teria que resolver, por exemplo, com fone vazado... Mas é caro também! Você não vai gastar o seu cachê comprando fone, sabe? Tem pessoas que não

vão investir nisso, vão se recusar: “não, isso aqui não é uma situação que eu tenho que me adaptar, procurando condições melhores de trabalho. Isso aqui é uma coisa passageira”, entendeu?

E eu acho que isso, nas gravações, aparece um pouco, né? E tinha uma coisa pior, que era: eu tô escutando algum som físico aqui, que tá sem os efeitos, junto com o meu som de efeito. E eu sei que as pessoas só estão escutando com efeito.

Matthias: Você meio que imagina o som que você mesmo tá projetando no momento. (risos)

Henrique: Como é, assim, né? improvisação, e a gente é experiente, você tem micro estratégias aqui ali. Mas você se engana um pouquinho o tempo todo. Em vez de ser aquela coisa, tipo: “possa, eu estou totalmente enganado sobre o que eu estou fazendo”, mas tem pequenos enganos aqui e ali. E só para terminar esse bloquinho de comentários, uma coisa que o Matthias falou que é interessante, é que você pode ajustar, né? Botar tipo, tá tocando em três, eu boto uma pessoa mais pra direita, outra mais para esquerda... E a gente usou isso como estratégia para criar alguma espacialidade, porque o som é muito duro ou então cada um tem uma espacialidade diferente. É surreal, né? É surreal assim... Tem uma acomodação que é assim do tipo: “ok ser surreal”. É isso assim: o ambiente virtual é surreal sonoramente, entendeu? Esse encontro é surreal. Uma pessoa pode estar num lugar super grande, uma pessoa tá dentro de uma caixa de sapato, e a outra pessoa, tá... E, às vezes, a pessoa varia isso durante o negócio.

E a coisa do “ponto de vista”, é que cada um tinha o seu ponto de vista. Então por exemplo, pô, eu tô ouvindo a Taís Montanari muito alto; eu abaixo no meu só. Eu coloco ela pra esquerda, mas só no meu. Pode ser que no do Matthias ela esteja na direita. Aí, no dela... Eu tô no centro no meu, mas no dela, ela tá no centro e quem tá na direita é outra pessoa, entendeu? E cada pessoa ajusta isso. E se ela achar que o Matthias tá alto, ela vai abaixar o Matthias e não eu, sei lá, entendeu? Então tem esses pontos de vista. E esses pontos de vista são desse tipo [espacial], e são do temporal também. Porque você tem a latência de envio e de recebimento, ponto a ponto. Então, por exemplo, a minha latência de envio geralmente é parecida com a de recebimento, mas às vezes não tem nada a ver. Então, às vezes eu envio para uma pessoa com uma velocidade e recebo com outra. Então, temporalmente, as coisas, elas se deslocam, né? Às vezes você tem diferenças de 200 milissegundos, 300 milissegundos, de uma pessoa para outra... Da ordem... E, às vezes, a ordem que a pessoa tá ouvindo uma coisa muda. Então, às vezes eu toquei e o Matthias respondeu e para ela chegou ao contrário, entendeu? Matthias tocou e eu respondi.

Matthias: Do ponto de vista da mixagem isso também é o que você acaba fazendo... Mas acaba que é uma pergunta pro Hen-

rique... O que você acaba fazendo é só mais um desses pontos de vista, né?

Henrique: Eu tinha vários planos e eu fui tentando simplificar a coisa dos pontos de vista na hora de fazer a mixagem. Eu queria entender como é que eram esses pontos de vista, no começo. Então, eu falei assim: “Ah, a gente vai soltar uma claquete”, e aí eu quero entender como a claquete encaixa diferente entre as diferentes pessoas. Assim do tipo: eu lanço a claquete. Como que ela chega no fulano? Ele lança a claquete, como que chega em mim? Mas, assim, eu achei muito complexo entender as variações, porque, realmente, elas variam de pessoa para pessoa. Então, no fundo, a gente sempre fez claquete e na hora de mixar eu escolho um ponto de vista. Eu meio que joguei numa assim do tipo: “Ah, não tá tão disparate assim, pelo menos no início da gravação, os pontos de vista. Então eu vou sincronizar nessa claquete aqui e acreditar que todos os pontos de vista são equivalentes. Então eu vou escolher um deles, provavelmente de quem mandou a claquete e seguir ela (sic), né? Então assim, tem uns problemas específicos. Mas aí, eles são bem específicos. No fundo, eu tentei puxar desse jeito.

Agora, já para falar de uns problemas do Sonobus, que é um programa que a gente usou, ele não é muito confiável na gravação. Então, você tem um problema de transmissão da internet que é o envio de pacotes. Às vezes, os pacotes se perdem, eles não chegam. E aí o programa, ele tenta reordenar os pacotes para reenviar. Às vezes ele envia numa ordem diferente. E aí tem a janela de som que tem latência... Para tentar botar numa ordem certa, às vezes ele bota numa errada, e dá um ruído ou outro, chega um ruído e tal. Então esses ruídos, eu tentei corrigir.

Eu tinha que corrigir os cliques de transmissão de internet que às vezes davam, esses problemas. E aí, nisso eu falei: “porque não corrigir esbarrão, quando a pessoa bate no microfone e não devia, vou cortar fora, né?” Mas aí, começou aquelas coisas do tipo: “ok, entendi. Então, quando uma pessoa grava dois canais, nem sempre eles sincronizam entre si. Eles às vezes dessincronizam, tipo o próprio programa perde um pacote da pessoa com ela mesma. E aí dessincroniza ela com ela mesma. Aí começou do tipo: “Tá certo. Vou ter que ouvir tudo com cuidado, em todos os trechos, e puxar aqui...”

Você com você mesmo é o mais estranho, né? Assim, que é uma coisa que eu depois pensei: talvez a gente não devesse gravar nesse programa. Talvez a gente devesse mandar desse programa para outro lugar... Mas eu não sei se isso vai ser resolvido, né? Tem que ver se ele [o programa e programadores] não vai dar um jeito. Teve uma gravação em que o Matthias termina quatro segundos antes de todo mundo. Simplesmente ele parou de tocar quatro segundos antes... E daí quando terminou, por causa de uma outra coisa que eu tinha botado no vídeo no final, uma claquete no final que não faz sentido nenhum. (risos) Mas enfim, tinha uma claquete no final do vídeo. E aí a gente começou a ver a claquete do Matthias e a gen-

te: “cara, como assim? No posso, o vídeo ainda tá passando”. Então vai rolar... tem o espírito da improvisação. Tá tudo ali. Mas vai rolar umas coisas assim, que às vezes as pessoas tão entrando bem antes e bem depois do que deviam em relação ao vídeo. E como é surreal, né? Não parece uma sala. Não tem como parecer uma sala muitas vezes. Então, bota realmente uma pessoa na direita, uma pessoa na esquerda; um clima mais de música eletroacústica às vezes.

E para terminar, também tinha dois vídeos que tinham som. [Dois vídeos] que os artistas mandaram com som. Então, teria que mixar o som do vídeo deles. E aí, bom, eu retransmiti do meu computador o som do vídeo para as pessoas né? Mas aí, qual o problema? Até parece que o som do vídeo não perdeu pacotes também! Então eu tinha que dar um jeito de lidar com isso. De espaçar umas coisas um pouquinho para cá, de procurar uma pausa de um músico e aí deixar um pouco maior; puxar um pouquinho... Essas coisas meio estranhas, sabe? (risos).

Frederico: Nossa! Interessante ver o processo. Super complicado, né? Ouvindo assim. Falando: “nossa!” É isso, quer dizer, a tecnologia facilita, mas também cria, na suas faltas, na sua solução precária, ela cria uma série de problemas também. Interessante ouvir. Complexo. Ao mesmo tempo fiquei pensando nisso. Como é difícil, né? Porque parece que é uma coisa resolvida. A conversa, no âmbito comum, é que as tecnologias estão resolvidas. Tá tipo isso: a gente tá aí, conectando, tudo maravilhoso e tal. (risos). Não é bem assim, né? (risos).

Henrique: Podia estar melhor. Mas pelo jeito... Tem outra coisa também que assim, por mais que seja o QI, que é um evento efêmero, a gente não vai só transmitir o vídeo no YouTube e tirar, né? Então, porque é aquela coisa assim, você já tá passando para um outro meio. Então, você negocia com outro meio também. Então, assim, a gente não vai fazer um vídeo incrível. E na estranheza de tocar, em seis desses, sete desses vídeos, a gente fez duas sessões. E também porque as pessoas não tinham visto as vídeos. Então, às vezes a pessoa colocava um vídeo e falava assim: “pô, que que é isso? A pessoa tá fazendo um café!”. (risos) Eu lembro do Gil Amâncio falando assim: “café? não era para ser um negócio de arte, muito doido?”. Então ele não sabia! Que ele né, mas a gente... Também é uma negociação com a situação, né?

Matthias: E tem uma coisa também de você tocar uma vez, inteiro, é quase como uma passagem de som mesmo, também. Pra você se acostumar com a situação, você saber onde que é isso, né? Quando você toca ao vivo, é uma situação que você tá acostumado a tocar ali, sabe como lidar. [Na internet] ali é muito mais difícil de tocar ao vivo, tipo assim de se orientar. E eu acho que como tem essas questões todas que a gente discutiu: fone de ouvido, modo de se ouvir,

modo de ouvir o outro. Cada vez, eu acho que que foi útil a gente sempre passar uma vez também [o som], para conseguir se ajustar ao meio, né?

Henrique: E, sei lá, outra... Acho que a última ideia que a gente teve, mas que a gente ainda está definindo, né? Tem pouco tempo para definir, umas duas semanas para definir isso. Mas é de ter essa apresentaçõzinha. Talvez a gente falando no começo, assim, tipo: "Oi. Daqui a pouco vai rolar o Quartas de Improviso". Aí, vamos ver como que isso vai ficar. Meio de tentar quebrar um pouco o clima daquela coisa de "cliquei no vídeo e vou assistir". E no final do vídeo... Vai ter as coisas de vídeo do tipo cartela da Prefeitura, uma vinheta para convidar para o Boteco do Javaraí depois. E aí tem uma coisa, vamos ver como vai ficar isso aí! (risos) Vai ter a foto dos convidados no final assim, entendeu? Termina, daí tem uma foto dos músicos tocando, só uma foto, com o nominho embaixo, assim, uma coisa meio brega, e a foto do artista convidado que ele mandou. Tipo, para dizer assim: "olha, tinha gente lá!".

Frederico: Mas assim, é isso que vocês tão falando muito. É ótima essa conversa. Muito boa para mim, assim. Porque, tem esse movimento muito grande de adaptação. E o que é possível, o que que funciona... O esforço de tentar fazer funcionar, né? Uma estrutura que a gente vai vendo que ela não é feita para funcionar, para isso, né? Ela funciona para outras coisas, mas não para isso... Então é muito legal, muito rico.

Henrique: Eu tirei um print aqui, só avisando vocês, para falar que a gente estava conversando com o Fred, para as redes sociais. (risos)

Frederico: Mas é importante! (risos)

Henrique: Você quer dizer o que você está fazendo Fred? Só para, se eu for divulgar isso em alguma rede social, dizer que...

Frederico: Isso é parte de uma pesquisa que se chama **PARA ALÉM DAS LIVES**: música e tecnologia pós-pandemia. Como se isso fosse possível pensar! Está no começo, vocês são as primeiras pessoas que eu conversei assim, formalmente, e que tô registrando e tal. Eu só tive essa conversa muito...

Henrique: Eu falei para a gente se encontrar logo, porque, como tá fresco pra gente, talvez fosse melhor... A gente ainda pode se entusiasmar mais, ou não, ou ao contrário né? Conforme os vídeos forem ficando prontos! (risos)

Frederico: Mas achei ótimo, obrigado, gente assim, pela paciência, né? Que eu sei que esse troço Zoom...

Henrique: A gente pensa nessas coisas, assim, né? Não necessariamente isso fica claro para quem vai assistir. A gente não sabe, agora, porque não tem... Então, assim, só de poder falar com você, de você escutar com atenção e levar a sério, já é ótimo pra gente também.

Frederico: Maravilha. Poxa gente, obrigado demais! então que bom!

Matthias: Obrigado a você!

Frederico: Abração para vocês!

Henrique: Valeu!

Frederico: Até mais.

Matthias: Um abraço.

Frederico: Ei Henrique. Bom, voltamos aqui para esse adendo aqui na nossa conversa, né? Muito tempo depois da conversa original. Mas faltou uma coisa que a gente não falou, a história do QI. Já são nove anos, tem muito tempo, e tem muita coisa bacana nessa trajetória que acho que é legal falar sobre, né? E além disso atualizar também, já que você está falando agora, depois de tanto tempo da nossa conversa. A pandemia tá aí meio que termina, não termina, né? Mas as coisas já estão super presenciais... Você fala um pouquinho, como que tá hoje o QI.

Henrique: Então, em 2013, eu, Henrique Iwao, e o Matthias Koelle, a gente tava procurando começar a fazer um evento em que a gente pudesse tocar sempre, que a gente pudesse ser uma espécie de banda da casa. E a gente, procurando locais, a gente encontrou o Nelson Bordello. E a gente combinou com ele de tentar fazer algumas quartas-feiras, já em seguida assim, toda semana. A ideia da quarta-feira era bem assim... que era um dia que não era comercialmente muito movimentado. Então, era tudo bem a gente fazer improvisação livre, música experimental, nesse dia, né? A gente levaria algum público para assistir a gente, mas não ia atrapalhar um público que já existia para quarta-feira. Quarta-feira era um dia um pouco morto. Então a gente começou e já começou convidando pessoas, que era uma maneira também de colaborar com outras pessoas, se divertir com isso, e descobrir coisas novas. Mas também de incluir outras pessoas, num começo de cena de improvisação livre aqui em BH. E também de tornar a coisa variada, né? Para um público que veio numa semana poder também vir numa outra semana e ser diferente.

É isso e assim, a gente já foi fazendo algumas temporadas e foi descobrindo essa ideia de temporada. Uma temporada são várias quartas-feiras em seguida e depois a gente dava um tempo, para também descansar... A gente foi fazendo [o QI] e a gente fazia uns extras assim, que é quando a gente encontrava alguém que queria colaborar, a gente chamava e participava, né? E não necessariamente na quarta, mas geralmente na quarta, porque criava essa ideia de uma identidade e também essa ideia de contribuir para tornar a semana mais variada em Belo Horizonte para as pessoas que gostam de música. Então assim, tem música experimental... E enfim, depois de um tempão na galeria Estilingue, a gente descobriu o Lutier Bar e a gente fez lá e foi muito legal, até que o bar também fechou. Não foi culpa nossa assim! (risos) E enfim, a gente fez vários na galeria Mama Cadela.

E a gente, desde 2013 até aqui, a gente fazia tudo na marra, né? Então assim, era uma coisa bem despojada. Depois a gente descobriu o Preto Matheus, que se interessou muito por trabalhar séries de cartazes com a tipografia dele e tal... E aí virou uma coisa também... se aglutinou. Depois o Miguel Javaral como DJ também se aglutinou. Então foi se aglutinando... Enquanto isso a gente ia escrevendo edital para tentar uma grana para... Porque a gente pedia para as pessoas contribuírem no dia, mas assim, só pagava o transporte da gente e olhe lá, né? E o lugar, ele cedia o lugar para gente e às vezes oferecia alguma coisa, uma bebida, uma comida, e era isso. Então a gente ficou tentando. A gente tentou, se não me engano, cinco anos, até conseguir, finalmente, ser aprovado na Lei Municipal. Então, esses QIs (Quartas de Improviso) de agora, que tem uma equipe, uma produção, uma coisa mais estruturada, cachê para as pessoas que participam, e oficinas também que a gente oferece nos Centros Culturais diversos, espalhados por Belo Horizonte, tem o dinheiro que vem da Lei Municipal de Incentivo à Cultura, fomento do Incentivo à Cultura. E a gente ganhou um trienal. E aí a gente chegou nesse momento agora que a gente faz nessas temporadas que são temporadas mais estruturadas, porque tem esse apoio por isenção de imposto.

E chegando aqui... Também uma coisa interessante dessa temporada 15 (quinze) que é... Falando aqui no mês de setembro de 2022, que é que o Matthias está morando em Berlim. Então ele não tá fazendo QI, agora que voltou a ser presencial, no Teatro Espanca. Eu continuo fazendo e a gente chamou o Marco Scarassatti e a Patrícia Bizzotto para colaborar, não só como convidados, mas já fazendo uma transição, se eles quiserem, se descobrirem que se interessam pelo projeto, né? Se interessam pela cara do projeto e querem continuar, eles vão poder continuar de uma maneira mais integrada. A princípio comigo, mas de repente, se têm interesse, se gostam do projeto, eles podem seguir, né? É isso aí.

Frederico: Legal demais Henrique, obrigado. Porque é isso, né? É bom saber desse panorama. A gente entende melhor os caminhos, de onde veio, como que tá indo QI e também, agora, para onde que tá apontando, com esses novos integrantes e tal. Acho que é bacana também. Bom, então fica na verdade o convite para as pessoas poderem ir nas próximas temporadas do QI, Quartas de Improviso, acompanhar nas redes também os links estão aí, né? Disponíveis para vocês. E aí vão saber dos novos eventos quando eles acontecerem, que são super legais. Vale muito a pena ver. Então é isso. Obrigado Henrique. Valeu demais e obrigado novamente. Até o próximo episódio.

Você ouviu o **PARA ALÉM DAS LIVES**, podcast criado produzido e apresentado por Frederico Pessoa. Obrigado por nos acompanhar. Este projeto foi realizado com recursos da Lei Municipal de Incentivo à Cultura de Belo Horizonte.

Para mais informações, acesse @paraalemdaslives no Instagram, nossa página no Facebook, ou o nosso site: www.paraalemdaslives.fredericopessoa.net. Até a próxima!

realização



incentivo



CULTURA



**PREFEITURA
BELO HORIZONTE**

GOVERNANDO PARA QUEM PRECISA